

## Ateliê de estudos sobre a docência: entre linhas e micropolíticas de uma vida

### RESUMO

Apresentamos a dinâmica de um projeto de ensino desenvolvido com alunos de cursos de Graduação na Universidade Federal de Pelotas (UFPe), no formato de grupo de estudos. Considerando a realização do trabalho sob uma ótica contemporânea da multiplicidade e da diferença (DELEUZE; GUATTARI, 1995), desenvolvemos alguns temas pertinentes à formação de professores, pautados em discussões teóricas e práticas com abordagens transdisciplinares: Educação, Filosofia, Arte, Cinema, Literatura, Psicologia. O Ateliê de estudos e pesquisa: docência, diferença e produção de subjetividades (ATEPDif) está sendo uma oportunidade para que os/as estudantes possam construir outra percepção sobre o que se entende por ser professor(a) e exercer a profissão, mediante a compreensão da transformação dos processos de subjetivação (GUATTARI, 2006) na relação com o que se agencia para criar uma aula-pesquisa-ideia, considerando sua própria existência em meio à docência. Da mesma forma, há a disposição de um espaço e tempo de troca de saberes, onde possam aprender a organizar diferentes formas de estudo, sistematizar conceitos e ideias a partir da mediação do trabalho grupal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Projeto de ensino. Docência. Filosofias da diferença.

**Josimara Wikboldt Schwantz**

[josiwikboldt@hotmail.com](mailto:josiwikboldt@hotmail.com)

<http://orcid.org/0000-0002-8298-0502>

Universidade Federal de Pelotas,  
Pelotas, RS, Brasil

**Sandra Espinosa Almansa**

[sandraealmansa@gmail.com](mailto:sandraealmansa@gmail.com)

<http://orcid.org/0000-0001-5534-9013>

Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

**Roberta Benevit dos Santos**

[betabenesantos@icloud.com](mailto:betabenesantos@icloud.com)

<http://orcid.org/0000-0003-1250-4153>

Instituto Federal de Educação, Ciência  
e Tecnologia Sul-rio-grandense,  
Pelotas, RS, Brasil

## **INTRODUÇÃO**

O projeto de ensino apresentado neste artigo iniciou em maio de 2022. Atualmente, atende discentes de Graduação de diferentes cursos (licenciaturas) e demais interessados da comunidade acadêmica, passando a articular-se com a pesquisa neste ano de 2023, intitulando-se “Ateliê de estudos e pesquisa: docência, diferença e produção de subjetividades” (ATEPDif). Há uma dedicação de estudo de três horas semanais, com reuniões frequentes onde discutimos textos e outras matérias experimentadas durante a semana. Ao final de cada semestre de trabalho, os estudantes e professoras encaminham uma produção escrita a partir do que foi possível relacionar e aprender durante o percurso do Ateliê.

Temos desenvolvido uma perspectiva de estudo contemporâneo abarcando diferentes áreas do conhecimento para pensar e problematizar a formação docente e os processos subjetivos a ela atrelados, que nos constituem enquanto indivíduos e profissionais. Buscamos evidenciar e rastrear os conceitos de linhas e micropolítica da filosofia deleuzo-guattariana, a fim de produzir visibilidade para o campo da Educação. Entendemos que as professoras e os professores exercem sua função, que é permeada de obstáculos e, neste exercício, passam por transformações em sua subjetividade, pois aquilo que somos e fazemos hoje é resultado das experiências às quais nos submetemos e somos submetidos, bem como reflete, de algum modo, nossas referências e condições socioambientais, históricas, políticas e econômicas vividas e presenciadas.

Essa condição subjetiva impacta na nossa formação, nas nossas atitudes perante a profissão e na disposição possível ou não para a criação, para a pesquisa referente à aula, à metodologia utilizada, à didática trabalhada ou, até mesmo, no processo de curadoria de uma matéria que servirá como mediadora do ensinar-aprender. Para Guattari (2006, p. 19), a subjetividade é processo e produção, definida provisoriamente como “[...] o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva”.

Tendo em vista que o plano micropolítico envolve “os processos de subjetivação em sua relação com o político, o social e o cultural, através dos quais se configuram os contornos da realidade em seu movimento contínuo de criação coletiva” (ROLNIK, 2006, p. 11), os estudos do Ateliê se articulam em torno da problemática: como e em quais condições de possibilidades nos constituímos professoras e professores? De que modos, e sob que circunstâncias, se faz (e fazemos nós) esse exercício de ser professoras e professores? Sobre que linhas vivemos a docência?

## **LINHAS DE UMA VIDA DOCENTE**

Diante das inquietações a respeito das formas do fazer docente e das forças que o atravessam nesta contemporaneidade, iniciamos o Ateliê, em 2022, com a proposição de estudar o conceito de linhas (molar, molecular e de fuga) dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, a partir da leitura do Platô 8, intitulado *Três novelas ou "O que se passou?"* (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 69-89). Juntamente a este estudo, na medida que avançávamos na compreensão do conceito, fomos lendo as novelas literárias citadas pelos filósofos dentro deste platô. Tais novelas estão organizadas no livro *Quatro novelas e um conto: as ficções do Platô 8 de Mil Platôs, de Deleuze e Guattari* (TADEU, 2014), sendo elas: *A cortina carmesim* (Jules Barbey d'Aureville), *Na gaiola* (Henry James), *O colapso* (Scott Fitzgerald), *História do abismo e da luneta* (Pierrette Fleutiaux) e o conto *Um jeitinho* (Guy de Maupassant).

A partir do estudo dos conceitos filosóficos e das leituras literárias, pudemos estabelecer algumas relações com a problemática levantada anteriormente, a respeito das possibilidades de constituição da docência na contemporaneidade. Num primeiro movimento, compreendemos que somos constituídos por linhas sempre emaranhadas e imanentes umas às outras (DELUZE; GUATTARI, 2012; ROLNIK, 2006): linhas que nos significam, que nos segmentarizam individual e coletivamente e, por vezes, nos arrebatam do nosso território, proporcionando novas possibilidades para se reterritorializar.

Nossa existência, os caminhos pelos quais a percorremos, as escolhas que fazemos em nossas vidas constituem um mapa que é composto por essas linhas de vida, linhas de natureza diversa, ora duras e flexíveis (linhas segmentares, molares e moleculares), ora não segmentares, abstratas (linhas de fuga). Elas não são feitas apenas de segmentos retos, mas de um atravessamento de acontecimentos, de velocidades e traçados distintos, de paradas e de lentidões. Assim, entender a vida como constância trata-se de um engano, pois ela é constituída por acontecimentos e encontros nesta composição entre linhas e intensidades.

Algumas vezes, os acontecimentos parecem contáveis e previstos, há uma molaridade que nos identifica e engessa, onde até mesmo os sentimentos são segmentarizados. Deleuze e Guattari (2012) a denominam de linha molar que, por vezes, é necessária. A vida, nesta configuração e condição de molaridade, é determinada por códigos sociais, culturais, históricos que passam a identificar e assujeitar os indivíduos dentro de uma matriz preestabelecida. As linhas de segmentariedade molar são aquelas que recortam a vida, direcionando-a. Determinam e instituem modos de ser e modos de fazer conforme segmentos bem determinados, são linhas que segmentarizam, justamente, por utilizarem uma forma para definir quem somos ou o que nos tornaremos. O Estado, a família, a escola são exemplos de instituições que operam por essa matriz, pois, nas relações estabelecidas entre os sujeitos que ocupam estes lugares e tempos, há um esforço em fazer internalizar regras de conduta e comportamentos.

Uma das características desta segmentariedade dura é a sua forma de operar por binaridades, de modo que,

[...] os segmentos dependem de máquinas binárias, bem diversas se quiserem. Máquinas binárias de classes sociais, de sexos, homem-mulher,

de idades, criança-adulto, de raças, branco-negro, de setores, público-privado, de subjetivações, em nossa casa-fora de casa (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 104).

Essas máquinas trabalham de maneira diacrônica, produzindo dicotomias não dualistas, pois sempre haverá outro código para oferecer caso não venhamos a nos encaixar no código determinado pelo aparato social, ou seja, se você não é A, se você não se vê como B, então você só poderá ser C. Para os sujeitos que venham a se encaixar nestas condições impostas, as linhas molares se tornam, até certo ponto, um território cômodo, de referências, certezas e perspectivas. Mas há algo nesta suposta certeza que nos arrebatada e, mesmo que por instantes, nos tira do lugar comum, um acontecimento poderá vir a provocar um abalo nestes territórios codificados, identificáveis e coloca em urgência a mudança de posicionamento perante a vida.

Dependente de máquinas-binárias, as linhas de segmentaridade dura, ou linhas molares, também implicam dispositivos de poder que visam organizar nossos espaços-tempos-territórios, dispositivos que trabalham nossos corpos, fixando códigos sobre as maneiras de agir e de ser nestes territórios. Há aí, e esta é outra característica da linha, todo um plano de organização que sobrecodifica, que concerne, ao mesmo tempo, às formas e seu desenvolvimento, aos sujeitos e sua formação, à harmonização da forma e à educação (DELEUZE; PARNET, 1998). Em outras palavras, a segmentaridade dura diz respeito à nossa maneira de perceber, aos nossos modos de agir e de sentir, aos nossos regimes de signos.

As linhas segmentarizadas, sejam elas duras ou flexíveis, nos tangenciam em determinada data e em determinado lugar (DELEUZE; PARNET, 1998). Nesta condição, Deleuze e Guattari (2012) discorrem sobre outra linha que está em permanente dinâmica com a molar: a linha molecular. Ambas segmentarizam, no entanto, os segmentos de uma e de outra são distintos. A linha molecular é mais maleável, fluida, ela caminha pelas bordas, no quase imperceptível. Ela é uma linha mais difícil de se encaixar nos códigos, envolve um plano onde se delineiam territórios existenciais, permitindo movimentos de desterritorialização e de reterritorialização. Opera nos sujeitos não mais por códigos, mas por fluxos de desterritorialização

[...] que já não pertencem nem a um nem a outro [aspecto binário], mas constituem o devir assimétrico de ambos, sexualidade molecular que já não é a de um homem ou de uma mulher, massas moleculares que já não têm o contorno de uma classe, raças moleculares como pequenas linhagens que já não respondem às grandes oposições molares (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 106).

Nas linhas de vida poderá ser traçada também a fuga, ao qual podemos descrever como aquelas circunstâncias em que nos sentimos arrebatados, desconfigurados, são linhas que se sobressaem por todas as outras, feitas de velocidades. Linha de fuga nada tem a ver com fugir do social, com uma fuga do mundo, ao contrário, “o mundo foge de si mesmo por essa linha, ele se desmancha e vai traçando um devir [...] do campo social” (ROLNIK, 2006, p. 49-50). Os movimentos de fuga são, isso sim, constitutivos do campo social. A linha de fuga é, justamente, a explosão de uma linha molecular, aquilo que foge de qualquer forma de controle e codificações, rompendo fronteiras e

desestabilizando-se, mas possibilitando sobre ela criar: “é sempre sobre uma linha de fuga que se cria” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 158).

Trapaceira e um tanto perigosa – todas as linhas têm os seus perigos, mas talvez o de fuga seja o pior – essa linha abstrata pode também nos colocar numa zona de abolição, de si e dos outros, pois ela é traçada por uma máquina de guerra (força intensiva e de resistência) e, por isso, pode acabar em linha de morte, ou, até mesmo, se arrastar para o campo da paranoia. Foi este o caso de Hitler, descrito pelos autores como exemplo de produção do fascismo, resultando no trágico acontecimento do holocausto. Trata-se de um regime de produção desejante que operou por linhas de fuga suicidárias.

Até aqui, aprendemos que as três linhas são imanentes, inseparáveis, tomadas umas nas outras. Quando Deleuze e Guattari operam sobre o conceito de linhas não estão falando metaforicamente, mas tratam-no na sua condição literal, perceptiva, prática, política, teórica: “vemos, falamos e pensamos, nesta ou naquela escala e segundo determinada linha que pode ou não conjugar com a do outro, mesmo se o outro é ainda eu mesmo” (DELUZE; GUATTARI, 2012, p. 82). Analisar a conjunção destas linhas é acompanhar os processos de mudança e de transformação de uma vida, das narrativas que a constituem de maneira não linear, e, em algumas ocasiões, fragmentada. Assim, somos feitos de linhas,

[...] temos tantas linhas emaranhadas quanto a mão. Somos complicados de modo diferente da mão. O que chamamos por nomes diversos – esquizoanálise, micro-política, pragmática, diagramatismo, rizomática, cartografia – não tem outro objeto do que o estudo dessas linhas, em grupos ou indivíduos (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 102).

O estudo e a análise destas linhas, ainda no Platô 8, do livro *Mil Platôs* (DELEUZE; GUATTARI, 2012), também é concebido a partir da produção literária e o que ela dá a ver e expressa sobre uma vida. A linha molar se engaja sobre segmentaridades cada vez mais duras e ressecadas, até sermos por ela colapsados. Por esse motivo, os autores se agenciam à novela literária intitulada *O colapso*, de F. Scott Fitzgerald (TADEU, 2014) para tratar sobre os processos de rupturas.

Realizamos, da mesma forma, a leitura literária da novela citada na tentativa de examinar mais de perto os processos de ruptura dados a ver no personagem literário e referido por Deleuze e Guattari, em sintonia com os conceitos operados no platô 8. Naquela circunstância de estudo, no exercício analítico, literário e filosófico realizado, pudemos identificar que há golpes que nos abalam, que operam por cortes de significação como, por exemplo: “a crise econômica, a perda da riqueza, [...] o surgimento do fascismo, do stalinismo, a perda do sucesso e de talento, [...] *Grandes impulsos súbitos que vêm ou parecem vir de fora* e que atuam por *cortes* demasiadamente significantes” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 77). E que há também, para além dos golpes que vêm de fora, os golpes que vêm de dentro: “que a gente só sente quando é tarde para fazer qualquer coisa a respeito, só quando se dá conta de que, definitivamente, sob algum aspecto, nunca mais seremos a mesma pessoa” (FITZGERALD, 2014, p. 19). Trata-se de uma fratura que se dá sem perceber, mas que, de certa forma, num estalo passamos a dar conta de que algo mudou.

Diante da descrição dos abalos que afetam a vida de um homem, Fitzgerald (2014) aponta alguns procedimentos, uma espécie de ética necessária para suportar os abalos de uma vida e manter-se vivo, quais sejam: pensar ou pensar-se, não ver a vida do outro como sendo a boa vida; fugir de padrões identitários e passar a se ocupar com a própria vida; ter seu estilo e ter outro a admirar; ter uma “consciência artística” um outro eu; não permitir que ditem sua vida, planejem sua felicidade; trabalhar a nossa consciência política cada vez mais cedo.

No último subcapítulo da novela, intitulado *Manipule com cuidado – Abril de 1936*, o literato destaca um ponto de partida para sair do enredo que a vida do personagem, nas tramas que se faziam e desfaziam, se configurava: “eu senti – logo eu existia” (FITZGERALD, 2014, p. 33). O personagem questiona sobre o paradeiro de sua individualidade, e interroga onde se situava o vazamento pelo qual o seu entusiasmo e a vitalidade escoavam. Foi viajar, para refletir sobre isso. Não visava buscar sair, fugir de um mundo asfixiante para ascender, mas, sobretudo, buscava a

[...] calma absoluta para meditar sobre as razões pelas quais tinha desenvolvido uma atitude desoladora diante da desolação, uma atitude melancólica diante da melancolia, e uma atitude trágica diante da tragédia - por que eu tinha me identificado com objetos de meu horror e de meu sofrimento? [...] Não é uma distinção sutil, mas uma identificação como essa significa a morte da capacidade de realização. É uma coisa como essa que impede os loucos de trabalhar (FITZGERALD, 2014, p. 33).

Este movimento de estudo apresentado foi uma parte do trabalho realizado no Ateliê, e foi conjugado com as questões que vínhamos pensando sobre a formação docente: em que condições nos constituímos docentes? Tal conjugação nos remeteu ao adoecimento dos corpos, e como isso vem a nos paralisar. As condições precárias de trabalho nos incapacitam de seguir criando e, de certa maneira, não podemos aceitar passivamente esta condição. Nesse contexto, o grupo pensou e estabeleceu algumas relações no que interessa ao empreendimento de uma fuga radical: não se trata de fugir como em uma prisão, ou de voltar ao que se era antigamente. Trata-se, no entanto, de algo do qual não se volta, e “é irreversível porque faz com que o passado deixe de existir” (FITZGERALD, 2014, p. 34).

Não se trata de deixar de ser escritor, como no caso de Fitzgerald, ou de deixar de ser professora ou professor, como no nosso caso. É antes continuar sendo (escritor, professor), mas abandonar os esforços em parecer ser outra coisa que não esta, de seguir algum modelo para ser ou parecer-se com alguém. Deixar de estar disposto a se doar o tempo inteiro, isso adocece, paralisa, é uma linha de morte. É preciso saber dizer não, é preciso parar de querer sempre ser visto, de desejar dominar o outro, “o desejo de ser uma fibra mais nobre, [...] apenas serve para aumentar essa infelicidade no fim” (FITZGERALD, 2014, p. 38).

Compreendemos com o estudo do Platô 8, juntamente com o conto e as novelas literárias lidas, que a vida é feita de linhas, que nós vivemos sobre essas linhas e elas perpassam em nós, nos segmentarizam, nos constituem, mas também, passam por processos, acontecimentos que geram e modificam constantemente a vida. É através dos cortes (molar, de segmentaridade dura),

que a fenda (molecular, maleável) se destaca e pode tornar-se uma ruptura (fuga, flexível), produzida por uma linha abstrata, não segmentar. Há aí, mais uma vez, a condição perceptiva das linhas como inseparáveis, uma funcionando em razão da outra, na coexistência dos processos que constituem uma e outra.

Parece que Deleuze e Guattari nos dão a enxergar, a partir da literatura, o procedimento de uma ética de vida, com que possamos sobreviver aos abalos, aos colapsos inevitáveis e implacáveis em nossas vidas e especialmente em uma vida docente, todos os quais nos transformam, e cuja transformação possa ser transcendida para outra maneira de seguir vivendo: ética, estética e politicamente. Quase como um manifesto, os autores nos convocam para que possamos levar à consciência essas escolhas que aumentam a nossa potência de agir, de resistir a tudo o que nos inibe, nos sufoca, nos tira o sono – o regime capitalista, a precariedade das relações humanas/animais, as tecnologias, as redes sociais, o querer ser visto a qualquer custo, os microfascismos que imperam comandos em nossos modos de agir, etc. As formas de subjetividade aí engendradas implicam decisivamente na nossa condição subjetiva e de saúde.

Diante dessa realidade, e do estudo das linhas, buscamos identificar quais são as forças que, hoje, atravessam nossos corpos (ROLNIK, 2006) e, com isso, problematizar os modos pelos quais a subjetividade docente, especialmente, é por elas referenciada, capturada, aprisionada, drenada por distintos interesses e discursos. E com isso, questionamos: o que realmente importa para a nossa sobrevivência? O que realmente importa para aguentarmos os colapsos?

A analítica filosófica das linhas realizada a partir da literatura como experiência de uma forma artística, nos possibilitou compreender que ela também tem uma função interessante que consiste em permitir entender e respeitar a invenção de novas possibilidades de existir (LOPES, 2017), dando a ver e a sentir, pela conjugação de diferentes formas de conteúdo e de expressão, a passagem de vida que atravessa o vivido e o vivível. Com isso, qualificamos a compreensão de que não há linha reta, como tampouco há uma única forma de ser, nem na vida (docente) e nem na linguagem (DELEUZE, 1997).

### **MICROPOLÍTICA E SEGMENTARIDADE**

No corrente ano de 2023, avançamos no estudo deleuzo-guattariano sobre as linhas, porém, conjugando-o com o conceito de micropolítica e segmentaridade, desenvolvido no Platô 9 do terceiro volume de *Mil Platôs* (DELEUZE; GUATTARI, 2012). Mais uma vez, aliamos ao estudo filosófico a fruição literária, agora com a leitura do romance *On the road*, de Jack Kerouac. Somou-se ainda, na trajetória de estudos, a análise de um trecho do filme *Tudo em todo lugar ao mesmo tempo* (2022), dos diretores Daniel Kwan e Daniel Scheinert. Até aqui, avançamos na compreensão de que os conceitos não são auto evidentes, e que há de se entender o campo problemático que os produz. Para os filósofos, o objetivo era pensar a diferença por ela mesma, de modo que não fosse integrada pela lógica da contradição dialética.

Nesse segundo movimento, percorremos o conceito de segmentaridade a partir da apresentação sobre a percepção do movimento das linhas e do conceito de micropolítica. Retomamos, com os filósofos, aspectos relativos à diferenciação das três linhas (molar, molecular e de fuga), ao mesmo tempo que voltou-se a afirmar sua inseparabilidade e coexistência. Tentamos direcionar os estudos na dimensão do vivido, e relativamente à composição de formas possíveis de viver e de exercer contemporaneamente a docência, sobretudo diante da ameaça crescente do fascismo. No platô 9 conseguimos avançar na compreensão do campo problemático produzido pelos autores, principalmente sobre o fascismo, entendido por eles como um “microburaco negro, que vale por si mesmo e comunica com os outros, antes de ressoar num grande buraco negro central e generalizado” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 100).

Tomado por nossas paixões (ódio, rancor, ressentimento) podemos produzir uma consciência de impotência, o que conseqüentemente, pode vir a ressoar e aproximar-se de outros buracos negros, multiplicando e gerando um corpo destrutivo e auto-destrutivo. Na ressonância produzida entre corpos ressentidos, no acoplamento com buracos de outras subjetividades (machistas, preconceituosas, etc), tais subjetividades passam a se “acharem, se encontrarem” e, assim, a reivindicar um território. Segundo Deleuze e Parnet (1998), há aí a produção de um rosto, de uma identidade, de um grupo, um desejo que é de uma massa, passando a gerar um líder que potencializa o desejo dessa massa que é constituída por uma caixa de ressonância. Um dos exemplos mencionados pelos autores é sobre Hitler e a produção do nazismo. O buraco negro do ressentimento atrai, absorve tudo para dentro de si, ao perceber este buraco como nosso ego, adentramos, assim, no mais profundo das nossas paixões. É por ele que tornamo-nos cegos, pela própria subjetividade, estabelecendo uma política destrutiva, ocasionando a perda da nossa capacidade perceptiva, crítica e da condição de enxergar o outro como sendo legitimamente outro.

Além disso, é importante destacar que Deleuze e Guattari não veem as linhas como algo bom ou mau em si mesmas, mas como atravessamentos que podem levar a diferentes direções e resultados. Isso implica uma abordagem mais complexa e relacional da realidade, que leva em consideração múltiplas perspectivas e possibilidades. Os microfascismos têm suas especificidades, eles podem cristalizar num macrofascismo mas, também, flutuar por si mesmos sobre uma linha flexível, banhando cada minúscula célula (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 85). E, talvez, seja esse o perigo que nos incorre na construção da subjetividade enquanto docentes. Como construir essas linhas de fuga que não vazem ou ecoem em sobrecodificações molares? É possível fugir destas sobrecodificações e alcançar uma independência definitiva?

Jack Kerouac (2007) e seus personagens emblemáticos Dean Moriarty e Sal Paradise provam, na medida do possível, em *On the Road*, que a viagem, enquanto fuga da molaridade da vida, por si só não faz tanto sentido quanto o que ela produz em termos existenciais. Fugir aos códigos passa a ser o programa dos personagens, que atravessam os Estados Unidos da América pela rota 66, percorrendo muitos quilômetros de estrada e vivendo experiências diversas, tanto nas formas de existir (*hippie*), quanto nas maneiras de sobreviver num país

com uma organização social predominantemente capitalista. A literatura de Kerouac, nos dá a enxergar, naqueles personagens, as variações das linhas de uma vida que segue seus fluxos, mas que passam a correr riscos, principalmente, por ocuparem-se em linhas de fuga, abertura total para as intensidades “é assim que eu quero ser [...] ele nunca se atrapalha, é capaz de entrar em qualquer uma, põe tudo para fora, saca qual é a vida, não tem nada a fazer senão seguir o ritmo” (KEROUAC, 2007, p. 162-163).

Durante a discussão no Ateliê, junto aos estudantes, questionamos se é possível construir uma micropolítica das afecções, do diálogo e da invenção nestas condições de intensidade. Relacionamos o entendimento do estudo às linhas moleculares, flexíveis e dos desejos que, também, podem cair em buracos negros e produzir microfascismos, de agenciamento fascista do desejo. Trouxemos, juntamente a essas compreensões, um fragmento para assistirmos do filme *Tudo em todo lugar ao mesmo tempo* (KWAN; SCHEINERT, 2022). Trata-se da passagem em que Evelyn, a personagem central, apresenta o desejo de ocupar outros espaços, de ter vivido outras vidas, sempre culpabilizando outros por caminhos não traçados, sentimento que constrói uma relação complicada com a filha Joy. Numa realidade paralela, a filha se torna a vilã Jobu Tupaki, cria um buraco negro - representado por um *donut* - que suga toda a matéria e pode acabar com o mundo. A mãe procura resgatar uma identidade, a essência do ser, a partir das expectativas que ela mesma construiu entorno da filha, mas que, com isso, só conseguiu produzir ressentimentos em ambas. O buraco negro dos ressentimentos suga suas possibilidades de vir a ser outra e se enxergarem como constituintes de um processo que é inevitável: a história, o tempo, o sócios que modificam e oferecem múltiplas possibilidades de ser uma pessoa. Do mesmo modo, o ressentimento leva a destruir não somente a si mesmo, mas ao outro, no caso da personagem, a sua filha. Assim, compreendemos, juntamente com a analítica literária, que

É na relação com o outro, no ser-em-comum, que se afirma o não comum da singularidade, aquilo que não depende de nenhum modelo, critério ou valor, mas é a única garantia de não sucumbirmos diante do “império da necessidade”, isto é, da redução da vida à esfera do econômico e do social (LOPES, 2017, p. 8).

Nesta conjuntura que se apresenta, entendemos importante analisar a presença de desejos fascistas nas linhas de fuga da sociedade, nos modos como nos relacionamos e consideramos o outro enquanto sujeito da ação educativa, identificando os padrões que podem levar a comportamentos opressivos e antidemocráticos no nosso exercício docente e nas relações que se estabelecem nos espaços escolares. Isso é especialmente importante nos dias de hoje, em que os movimentos fascistas têm ressurgido em várias partes do mundo e representam uma ameaça. A oportunidade de compreender a segmentaridade em suas variações (molar e molecular) mas, igualmente, em sua condição de inseparabilidade, como pertencente aos estratos com que o homem se compõe, tem-nos permitido interrogar, filosoficamente, os modos pelos quais a segmentarização pode operar na constituição do ser professor(a) e na composição dos gestos básicos do exercício docente. Quais são nossas pequenas invenções diárias no percurso de nossas linhas, a partir dos nossos gestos docentes?

Temos conseguido perceber que a organização individual e social dos indivíduos conforme linhas diversas e segmentadas – em grandes oposições duais (classes sociais, homens/mulheres, adultos/crianças); de forma circular, em ocupações particulares e coletivas cada vez mais vastas (minhas, de meu bairro/cidade/país/mundo); e retilineamente progressivas (família/escola/exército/profissão) – se amplia ao passo que observamos seus cruzamentos, transformações e desvios nas tramas micropolítica e macropolítica da existência. Assim, somos conduzidos à compreensão crucial, e hoje, urgente, de que “[...] tudo é político, mas toda a política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 99).

## CONCLUSÕES

Problematizar a docência pelo viés da multiplicidade nos leva a compreender, até aqui, a complexidade constitutiva de ambas as escalas, de maneira que se possa apostar em experimentações micropolíticas contrapostas ao risco de focos moleculares de ressonância totalitária (como novas formações fascistas, por exemplo), criando “aberturas no funcionamento dos coletivos [*de forma a*] levar as relações de amizade para além de fixações identitárias” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 138, grifo nosso). Trata-se de produzir novas diferenciações num campo molar, ou numa dada estrutura, e de afirmar modos de existência singulares, formas de ser e de vida docentes resistentes aos microfascismos cotidianos que “martelam” em todos nós, em nossos corpos e nossas condutas, em nossos discursos e atos, em nossos prazeres, em nossos corações (FOUCAULT, 1993). É nesse plano de discussões e de inquietações que temos buscado pensar, no espaço-tempo de estudos, de conversas e de escritas do Ateliê, a materialidade do gesto docente em meio aos processos específicos e complexos da contemporaneidade.

Concluimos, destacando a importância da proposição, da problematização e do compartilhamento de espaços de estudo oferecidos à comunidade acadêmica para o aprimoramento e o desenvolvimento do trabalho científico na formação das(os) estudantes. Nestes espaços temos a oportunidade de qualificar os lugares de fala, escuta e pensamento; de propor criativamente exercícios de escrita e de leitura; de experimentar a troca de saberes e de construir novas relações – todos os quais, entendemos, se configuram como elementos importantes para a formação do(a) jovem pesquisador(a), para aprender a estabelecer relações entre diferentes matérias do conhecimento, e conseguir dizer/criar algo a partir do que se estuda e se compreende num contexto mais global sobre a problemática.

A continuidade dos estudos empreendidos aponta para a importância de analisar a presença de desejos fascistas, principalmente, em segmentos moleculares da sociedade, identificando os padrões que podem levar à exteriorização de comportamentos opressivos, destrutivos e antidemocráticos. Isso é especialmente importante nos dias de hoje, em que os movimentos fascistas têm ressurgido em várias partes do mundo e representam uma ameaça à constituição de subjetividades.

## Studio of research on teaching: between lines and micropolitics of a life

### ABSTRACT

We present the dynamics of a teaching project developed with undergraduate students from Federal University of Pelotas, in the format of a study group. Considering the achievement of the work under a contemporary perspective of multiplicity and difference (DELEUZE; GUATTARI, 1995), we developed some themes relevant to teacher training, based on theoretical and practical discussions with transdisciplinary approaches: Education, Philosophy, Art, Cinema, Literature, Psychology. The Atelier of Studies and Research: Teaching, Difference, and Production of Subjectivities (ATEPDif) provides an opportunity for students to construct a different perception of what it means to be a teacher and to exercise the profession through understanding the transformation of processes of subjectivation (GUATTARI, 2006) in relation to what is organized to create a teaching-research-idea lesson, considering their own existence in the midst of teaching. Similarly, there is a space and time for the exchange of knowledge, where they can learn to organize different forms of study, systematize concepts and ideas through the mediation of the group work.

**KEYWORDS:** Teaching project. Teaching. Philosophies of difference.

## Taller de estudios sobre la docencia: entre líneas y micropolíticas de una vida

### RESUMEN

Presentamos la dinámica de un proyecto de enseñanza desarrollado con alumnos de cursos de Graduación en la Universidad Federal de Pelotas (UFPeL), en formato de grupo de estudios. Considerando la realización del trabajo bajo una óptica contemporánea de la multiplicidad y de la diferencia (DELEUZE; GUATTARI, 1995), desarrollamos algunos temas pertinentes a la formación de profesores, pautados en discusiones teóricas y prácticas con abordajes transdisciplinario: Educación, Filosofía, Arte, Cine, Literatura, Psicología. El Taller de estudios e investigación: docencia, diferencia y producción de subjetividades (ATEPDif) está siendo una oportunidad para que los/las estudiantes puedan construir otra percepción sobre lo que se entiende por ser profesor(a) y ejercer la profesión, mediante la comprensión de la transformación de los procesos de subjetivación (GUATTARI, 2006) en la relación con lo que se agencia para crear una clase-investigación-idea, considerando su propia existencia en medio de la docencia. De la misma forma, existe la disposición de un espacio y tiempo de intercambio de saberes, donde puedan aprender a organizar diferentes formas de estudio, sistematizar conceptos e ideas a partir de la mediación del trabajo grupal.

**PALABRAS CLAVE:** Proyecto de enseñanza. Docencia. Filosofías de la diferencia.

## REFERÊNCIAS

- DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Costa. São Paulo: Edit. 34, 1995.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana de Oliveira, Lúcia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Edit. 34, 2012.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Trad. Eloisa Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.
- FITZGERALD, F. S. O colapso. In: TADEU, T. (Org. e Trad.). **Quatro novelas e um conto: as ficções do Platô 8 de Mil Platôs**, de Deleuze e Guattari. São Paulo: Autêntica, 2014. p. 19-38.
- FOUCAULT, M. O anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista. In: PELBART, P.; ROLNIK, S. (Orgs.) **Cadernos de subjetividade**, v. 1, n. 1. São Paulo: Núcleo de Estudos da Subjetividade, PUC/SP, 1993, p. 197-200.
- GUATTARI, F. **Caosmose: Um novo paradigma estético**. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006.
- KEROUAC, J. **On the road (Pé na estrada)**. Tradução, introdução e posfácio de Eduardo Bueno. Porto Alegre, L&PM, 2007.
- LOPES, S. R. A literatura como experiência. In: LOPES, Silvina Rodrigues. **Literatura, defesa do atrito**. Lisboa: Língua morta, 2017. p. 07-46.
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editoras da UFRGS, 2006.
- TADEU, T. (Org. e Trad.). **Quatro novelas e um conto: as ficções do Platô 8 de Mil Platôs**, de Deleuze e Guattari. São Paulo: Autêntica, 2014.
- TUDO em todo lugar ao mesmo tempo. Direção: Daniel Kwan e Daniel Scheinert. Produção Kwan e Scheinert com Anthony, Joe Russo e Jonathan Wang. Estados Unidos: IAC Films e Gozie AGBO, 2022. (139 min.).

**Recebido:** 18 jul. 2023

**Aprovado:** 15 agost 2023

**DOI:** 10.3895/rtr.v8n0.17360

**Como Citar:** SCHWANTZ, J. W.; ALMANSA, S. E.; SANTOS, R. B. Ateliê de estudos sobre a docência: entre linhas e micropolíticas de uma vida. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 8, e17360, p. 1-13, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

Josimara Wikboldt Schwantz  
josiwikboldt@hotmail.com

**Direito Autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

